

# Preservação da lateral pós-vocálica no sudoeste do Paraná

**Eduarda Rocha BORGHELOTT<sup>1</sup>**

**Susiele Machry da SILVA<sup>2</sup>**

**Luciene Bassols BRISOLARA<sup>3</sup>**

---

1 Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil  
| eduardarochaborghelott@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-1543-4165>

2 Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná, Brasil  
| susiele.machry@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-7125-947X>

3 Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil  
| bluciene@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0001-7248-6765>

**DOI:** <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v22i2.3996>

**Resumo:** A realização do /l/ pós-vocálico, ou seja, em coda medial (ex.: “palco”) ou final (ex.: “sal”) pode apresentar variantes como o rotacismo, a velarização, a vocalização ou o apagamento (Tasca, 1999; Pinho; Margotti, 2010; Quednau, 1993; Espiga, 2001; Collischonn; Quednau, 2009; entre outros). No Sul do Brasil, entretanto, há registros também de uma tendência à preservação da lateral (Pinho; Margotti, 2010; Machry da Silva *et al.*, 2020). Neste artigo, propomos uma descrição e discussão, pautada em uma análise sociolinguística, da preservação da lateral pós-vocálica no município de Francisco Beltrão-PR, a partir de estudos preliminares que indicam haver na região a probabilidade de manutenção da lateral, com pouca ocorrência de fenômenos como o rotacismo e a vocalização. Para tanto, foram coletados dados de fala de 14 informantes domiciliados no município, que se localiza na região sudoeste do Paraná, observando a preservação da lateral em relação a variantes como a vocalização, o rotacismo e a velarização. Os dados procedentes de uma análise descritiva e inferencial permitem confirmar a hipótese de que há predominância do uso da lateral pelos participantes. Formas variantes como o rotacismo e a vocalização aparecem em proporções consideravelmente menores, estando associadas a grupos mais específicos, com o uso do rotacismo entre os falantes com mais idade e, da vocalização por mais jovens.

**Palavras-chave:** Lateral pós-vocálica. Português do Sudoeste do Paraná. Sociolinguística Variacionista.

---

## The preservation of the post-vocalic lateral consonant in southwestern Paraná

**Abstract:** The realization of the post-vocalic /l/ – specifically in the medial coda (e.g., “palco”) and word-final (e.g., “sal”) positions – may exhibit variants such as rhotacism, velarization, vocalization, or deletion (Tasca, 1999; Pinho; Margotti, 2010; Quednau, 1993; Espiga, 2001; Collischonn; Quednau, 2009; among others). In Southern Brazil, however, there are reports of a tendency toward the preservation of the lateral consonant (Pinho; Margotti, 2010; Machry da Silva *et al.*, 2020). Based on sociolinguistic analysis, this article describes and discusses the preservation of the post-vocalic lateral in the municipality of Francisco Beltrão, Paraná. It draws on preliminary studies indicating a likelihood of lateral maintenance in this region, with a low occurrence of phenomena such as rhotacism and vocalization. For this purpose, speech data were collected from 14 informants residing in the southwestern region of Paraná. The study

examined the preservation of the lateral consonant in contrast to phonetic variants such as vocalization, rhotacism, and velarization. The results obtained through descriptive and inferential analyses support the hypothesis that the use of the lateral consonant predominates among the participants. Variant forms occur in considerably lower proportions and are associated with specific groups: rhotacism is more frequent among older speakers, while vocalization is more common among younger ones.

**Keywords:** Post-vocalic lateral. Southwestern Paraná Portuguese. Variationist Sociolinguistics.

## **| Introdução**

O /l/ quando em posição pós-vocálica, medial (ex.: “altura”) ou final (ex.: “sal”) apresenta, no português brasileiro, tendência a uma pronúncia variável com o registro de variantes como: (i) vocalização (a[w]tura e sa[w]); (ii) rotacismo (a[r]tura e sa[r]); (iii) velarização (a[ʎ]tura e sa[ʎ]). Dentre essas variantes, têm se mostrado mais recorrente na posição de coda, em boa parte do Brasil, o uso da vocalização, isto é, da semivogal [w] (Tasca, 1999; Quednau, 1993; Collischonn; Quednau, 2009; Sá, 2006, entre outros); a velarização é mais presente em variedades fronteiriças ou que tenham a influência do contato com o espanhol (Espiga, 2001). Já o rotacismo é uma variante de registro histórico, com pouca recorrência na posição de coda (sendo seu uso mais recorrente em *onset* silábico, como em p[r]anta para “planta”); quando presente, a variante está associada a grupos de falantes mais específicos, a exemplo de pessoas mais velhas (também por influências étnicas desses grupos) e com menor escolaridade (Costa, 2007; Borghelott, 2024).

Não obstante, em variedades de fala, como da região sul do Brasil, ainda se observa forte tendência à preservação da lateral, ou seja, ao seu uso na forma plena (como a[l]tura e sa[l]). Outrossim, ainda que no Brasil se mostre predominante a escolha pela forma vocalizada, há em algumas regiões, especialmente mais ao sul, maior conservadorismo (Pinho; Margotti, 2010; Koch; Klassmann; Altenhofen, 2011). Nessas regiões, pela própria formação histórica da migração italiana e alemã, e do contato linguístico com o espanhol, tanto se faz presente a lateral preservada quanto o registro da variante velarizada (como destaca o estudo de Espiga, 2001).

Nesse contexto, o estudo aqui proposto analisa a preservação da lateral no município de Francisco Beltrão, localizado na região sudoeste do Paraná. Tem-se nessa variedade características de formação histórica e social que são muito

peculiares e que podem contribuir para o que Pinho e Margotti (2010) apontam como condições ao conservadorismo da lateral. Formado em maioria por imigrantes italianos, alemães e poloneses, que primeiro se instalaram no Rio Grande do Sul, o município tem moradores em maioria descendentes desses grupos. Além disso, destaca-se ser uma região com localização geográfica que, em certa medida, contribui para o contato com o espanhol, já que está localizada a cerca de 100 km da fronteira com a Argentina, sendo por isso, muito comum moradores fazerem compras ou visitar o país vizinho. De outra perspectiva, Francisco Beltrão também é uma cidade polo da região sudoeste, em constante crescimento e avanço nas áreas de educação e tecnologias, atraindo com isso jovens de diferentes regiões do Brasil.

Uma análise sociolinguística no município, no caso deste estudo voltada para a lateral pós-vocálica, pode revelar por um lado, como destacado, o conservadorismo da lateral e até do uso de variantes como o rotacismo e a forma velarizada (pela sua formação histórica); contudo, por outro lado, pode mostrar a inserção da variante vocalizada, pela rotatividade dos falantes, especialmente os mais jovens. Tendo isso em vista, nossa análise se centra no uso da preservação da lateral, que se sustenta pela hipótese, a partir de estudos prévios, de ser essa a forma mais predominante na região (Machry da Silva *et al.* 2020)<sup>4</sup>. A análise foi desenvolvida a partir de dados de fala de 14 informantes, todos eles domiciliados no município. Os dados contam com produções da lateral nas posições de coda medial (ex: “alto”, “balde”) e coda final (ex: “sal”, “local”), oriundos de gravações a partir de instrumentos que incluíam nomeação e descrição de imagens, leitura de frases, e conversas do tipo relato, sobre temas como infância, viagens e educação. Os dados foram interpretados à luz da Sociolinguística Quantitativa (Labov, 1972), a partir de uma análise de oitiva, com vistas a observar as formas predominantes em uso e o papel das variáveis linguísticas e sociais para a manutenção/preservação da lateral e/ou o uso de outras formas variantes.

## **A Sociolinguística e a produção da lateral pós-vocálica**

No português brasileiro, o fonema /l/ se manifesta nas seguintes posições silábicas: em onset simples inicial, como em “laranja”; em onset complexo, como em “clero”; em coda medial, como em “bolsa”; e em coda final, como em “vil”. No que tange às consoantes líquidas, Lawson *et al.* (2011) salientam que

---

<sup>4</sup> Mencionamos a pesquisa das autoras sobre a pronúncia da lateral /l/, incluindo as cidades de Francisco Beltrão, Pato Branco e Dois Vizinhos, em que se observou a tendência de haver na região a preservação da lateral.

o /l/ pós-vocálico apresenta uma forte tendência à variação, podendo alternar entre laterais e róticos, róticos e laterais, ou uma combinação de ambos. Essa propensão à variação do /l/ em posição de coda silábica também é mencionada por Hora, Pedrosa e Cardoso (2010), que afirma que esse contexto favorece ainda mais a ocorrência de variações, especialmente na posição final de palavra: “Podemos concluir que a coda é a posição mais débil da estrutura silábica, por isso torna-se bastante suscetível à variação em qualquer que seja a sua posição dentro da palavra, acentuando-se ainda mais na posição final” (Hora; Pedrosa; Cardoso, 2010, p. 73).

Tal fenômeno não é exclusivo do português brasileiro, sendo também visível em outros idiomas, como no inglês, francês, polonês e catalão (Dickey, 1997); e historicamente na evolução do latim (Silva Neto, 1977). No português brasileiro, a lateral pós-vocálica pode se manifestar de diferentes formas, entre as quais se destacam: a alveolar [l], a velar [ʎ], a vocalizada [w], o apagamento [Ø] e o rotacismo /R/, realizado como tepe [r] ou retroflexo [ɻ]. Pesquisas realizadas (Quednau, 1993; Costa, 2007; Hahn; Quednau, 2007; Collischonn; Quednau, 2009; Nedel, 2009; Battisti; Moras, 2015) apontam para o predomínio da forma vocalizada na fala dos brasileiros.

Esse cenário diverge em algumas áreas do país, como em localidades da região Sul. Em estudo sobre a pronúncia da lateral no sudoeste do Paraná, incluindo as cidades de Francisco Beltrão, Pato Branco e Dois Vizinhos (Machry da Silva *et al.*, 2020), observam a predominância da lateral. Esse resultado é condizente com as pesquisas desenvolvidas por Pinho e Margotti (2010), Espiga (2001) e Tasca (1999) que destacam a preservação da lateral alveolar e a forma velarizada no Sul. Dentro dessa perspectiva, Pinho e Margotti (2010), em um estudo realizado em 25 capitais brasileiras, identificaram a presença da lateral plena [l] e da variante velarizada [ʎ], exclusivamente na fala de informantes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. De acordo com Espiga (2001), a ocorrência da forma velarizada [ʎ], por sua vez, é particularmente comum nos dialetos das áreas fronteiriças, resultado do contato entre o português e o espanhol. Além disso, a formação étnica da região durante a colonização, composta majoritariamente por migrantes alemães, italianos e poloneses, também contribuiu para essa variação. A diversidade cultural e linguística dessas comunidades influenciou a variação da lateral /l/, criando um cenário linguístico distinto do restante do Brasil, onde a vocalização é mais comum.

Desse modo, tendo em vista a caracterização sociolinguística de Francisco Beltrão, esta pesquisa parte da hipótese de que, nesse território, ainda prevalece a produção da forma alveolar [l], como “sa[l]” e “a[l]tura”. Essa suposição se

baseia em estudos anteriores que indicam uma tendência à realização plena da lateral na região sul do Brasil (Pinho; Margotti, 2010; Machry da Silva *et al.*, 2020). Espera-se, também, registrar a ocorrência de variantes, como a vocalização, o rotacismo e a velarização, mas de forma menos frequente, associada a grupos ou falantes específicos.

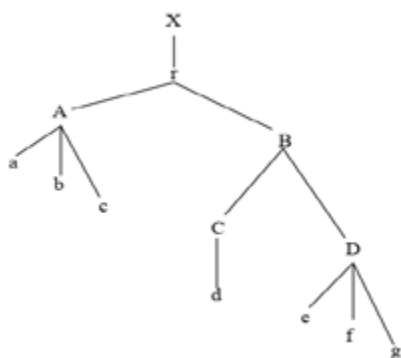
O comportamento da lateral pós-vocálica foi também interpretado à luz da Geometria de Traços (Clements, 1989), a partir de uma regra telescópica (Quednau, 1993; Espiga, 1997, 2001). Com base em uma representação hierárquica, que advém da proposta, os autores interpretam a lateral pós-vocálica como um resultado da mudança de traços. Por essa interpretação, a passagem de l (lateral plena) para w (forma vocalizada) ocorre mediante estágios intermediários, onde primeiro deriva a forma velarizada, a partir de uma regra que insere o nó vocálico. A realização de [w], forma vocalizada, por sua vez, ocorre a partir da lateral velarizada com o apagamento do traço coronal.

## | A Geometria de Traços

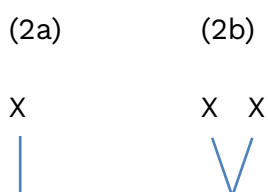
A Geometria de Traços, cuja versão mais atual foi formulada por Clements e Hume (1995), tinha a finalidade de mostrar que traços fonológicos podem operar de forma isolada ou como um conjunto solidário.

Nesse modelo teórico, os segmentos possuem uma estrutura interna que é representada por nós que são ordenados de forma hierárquica. Há dois tipos de nós: os terminais e os intermediários. Os primeiros são os traços fonológicos e, os segundos, as classes de traços, conforme pode ser observado no diagrama arbóreo proposto por Clements e Hume (1995, p. 249 *apud* Matzenauer (2014, p. 48):

(1)

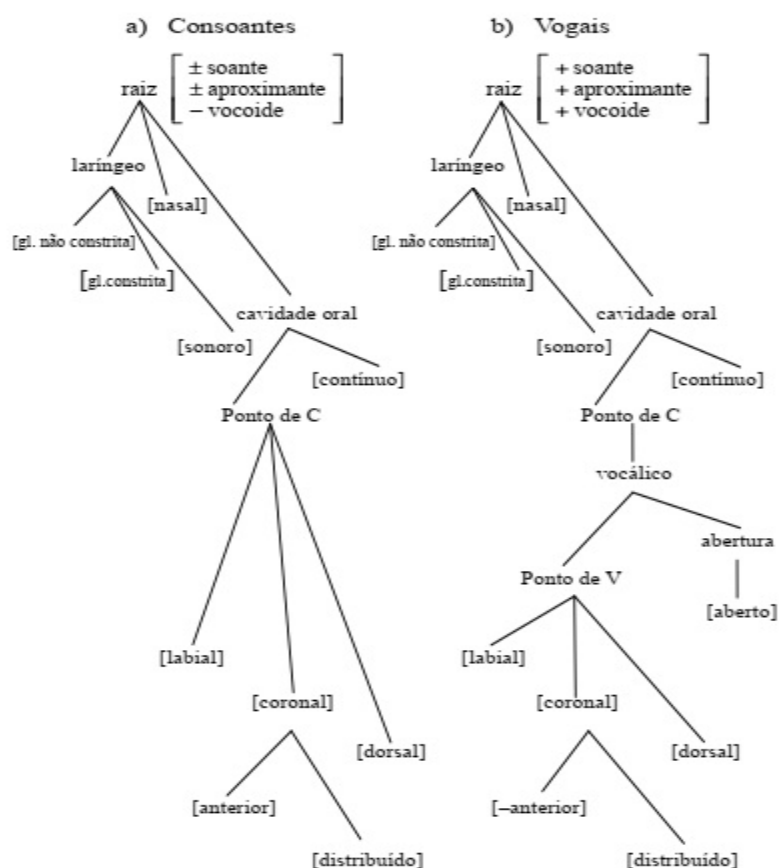


O diagrama arbóreo apresentado em (1) contém símbolos. O r é o nó da raiz, ou seja, o segmento em questão. As letras maiúsculas indicam os nós de classe, que se encontram hierarquicamente acima de grupos de elementos que constituem unidades ou classes naturais em regras fonológicas. C e D são nós irmãos e dependem de B. As letras minúsculas representam traços fonológicos. Acima do nó da raiz r aparece X, que indica uma unidade abstrata de tempo. A representação da unidade de tempo pode variar a depender do segmento. Por exemplo, vogais e consoantes simples apresentam uma unidade de tempo ligada a um nó de raiz (2a), mas se as vogais forem longas ou no caso de consoantes geminadas, haverá duas unidades de tempo (2b). Todos os nós apresentados no diagrama arbóreo são ligados por linhas de associação.



É importante salientar que, segundo Clements e Hume (1995, p. 250 *apud* Matzenauer 2014, p. 49), “as regras fonológicas constituem uma única operação, ou seja, as regras são consideradas naturais quando dizem respeito a traços individuais ou a nós de classe”. Uma regra natural, portanto, pode atingir o nó estrutural B ou apenas f, mas não será natural se atingir b, d, f, por exemplo. Em (3) é representada a hierarquia de consoantes e vogais, conforme Clements e Hume (1995, p. 292 *apud* Matzenauer 2014, p. 50).

(3)



Na representação em (3), indica-se a hierarquia de consoantes e vogais, em que alguns traços são binários, sendo classificados como + ou -, como em + soante, - soante, e outros são monovalentes, ou seja, apenas pode ser indicada a existência do traço, como labial, coronal e dorsal, por exemplo.

Em (3) também é possível identificar o nó da raiz que, como mencionado em (1), domina todos os traços, essa unidade é responsável por representar os segmentos em obstruintes, nasais, líquidas e vogais. Há ainda: o nó laríngeo, que está acima dos traços glote constricta, glote não constricta e sonoro; o nó cavidade oral, que tem como dependentes os traços sonoro e contínuo; o nó ponto de consoante, que tem os traços labial, coronal e dorsal como seus dependentes; o nó vocálico, que domina os traços ponto de V e abertura; o nó ponto de vogal, que faz referência aos traços labial, coronal e dorsal; e o nó abertura, que domina os traços relativos à altura da vogal.

## | Metodologia

### | O município de Francisco Beltrão/PR

O município de Francisco Beltrão está localizado no sudoeste do estado do Paraná, uma região que, segundo o IBGE (2022), é composta por 42 municípios. Francisco Beltrão faz fronteira com os municípios de Marmeleiro, Manfrinópolis e Enéas Marques, situando-se a cerca de 96 quilômetros da cidade de *Bernardo de Irigoyen*, Argentina, que faz divisa com o Brasil. Essa relativa proximidade facilita o contato frequente dos moradores de Francisco Beltrão com o país vizinho, onde costumam realizar compras, o que contribui para uma maior exposição à língua espanhola.

O processo de povoamento do sudoeste paranaense se intensificou a partir da década de 1940, com a chegada de imigrantes descendentes de italianos, alemães e poloneses, provenientes principalmente dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que se estabeleceram na área. Outro fator que contribuiu para a colonização dessa área foi a criação do projeto governamental “Marcha para o Oeste”, instituído por Getúlio Vargas, que tinha como objetivo a ocupação efetiva de terras remotas do interior do Brasil. Dentro desse projeto, o governo promoveu a instalação de sete colônias nomeadas Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO), uma delas foi fundada em Francisco Beltrão, em 1943.

**Figura 1.** Estado do Paraná – localização do município de Francisco Beltrão



**Fonte:** [https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco\\_Beltr%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Beltr%C3%A3o)

O povoado inicial era formado por trabalhadores rurais que buscavam terras para garantir sua subsistência. Atualmente, Francisco Beltrão conta com aproximadamente 91 mil habitantes (IBGE, Cidades, 2022) e é considerado o maior município da região sudoeste do Paraná, com uma área territorial de 735,111 km<sup>2</sup>. Com o segundo maior PIB da região sudoeste do Paraná (IBGE, 2022), Francisco Beltrão desempenha um papel fundamental na mesorregião, sendo uma referência em termos de desenvolvimento econômico.

## | Informantes

Para a realização deste estudo, conforme o exposto na introdução, foram selecionados aleatoriamente 14 informantes, sendo esses nativos do município de Francisco Beltrão/PR ou que tenham vivido nessa comunidade pelo menos 2/3 de suas vidas<sup>5</sup>. Portanto, partindo da proposta de seleção pelo método aleatório estratificado, conforme a Sociolinguística Quantitativa de Labov (1972), foram delimitadas as variáveis sociais que nortearam o processo, sendo estas sexo e idade. Dessa forma, os informantes foram distribuídos do seguinte modo:

**Quadro 1.** Estratificação dos informantes por célula

|           | 18-29 anos | 30-59 anos | 60 ou + |
|-----------|------------|------------|---------|
| Masculino | 2          | 2          | 2       |
| Feminino  | 2          | 2          | 4       |

**Fonte:** Borghelott (2024, p. 65)

A amostra inicial contava com 14 informantes, distribuídos nas faixas etárias de 18 a 29 anos, 30 a 59 anos e 60 anos ou mais, com 6 falantes do sexo feminino e 06 falantes do sexo masculino. No entanto, esses falantes eram predominantemente com escolaridade de Ensino Médio (sendo apenas 02 com Ensino Fundamental) e optou-se por incluir mais dois falantes com idade de 60 anos ou mais, que tivessem apenas o Ensino Fundamental, passando a amostra a contar com 14 informantes.

Quanto à seleção dos informantes, fazemos ainda a ressalva de que, no que tange à escolaridade, por uma dificuldade de contato e aceite dos participantes, para essa não foi possível o preenchimento das células com igual número de

---

<sup>5</sup> A composição dessa amostra constitui projeto previamente avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa da instituição (CAAE: 60270316.5.0000.5547). Todas as coletas de dados foram realizadas a partir do consentimento prévio dos sujeitos.

informantes de cada nível, sendo a maioria com Ensino Médio e apenas 04 informantes com Ensino Fundamental (um com idade entre 30 e 59 anos e três com idade 60 ou mais). Pesquisas anteriores mostram o uso predominante da forma alveolar entre informantes com mais idade e com menor escolaridade, e preferência pela vocalização por falantes mais jovens e com Ensino Médio/superior (Tasca, 1999; Collischonn; Quednau, 2009; Costa, 2007).

## Descrição e análise dos dados

Para a realização da análise, a partir do estudo preliminar de Machry da Silva *et al.* (2020), realizado na região sudoeste e, de um levantamento prévio das ocorrências quanto ao uso da lateral e de outras variantes, decidimos, a partir da baixa ocorrência de fenômenos como o rotacismo, a vocalização e a velarização, realizar uma análise binária considerando como variável dependente: (1) preservação da lateral e (2) uso de outras variantes. Os resultados, dispostos na Tabela 1, mostram que no município ocorre, confirmando a hipótese inicial, predominantemente, a preservação da lateral, com 74,5% (em um total de 802 dados). O uso de outras variantes (somados os dados) representa 25,5%.

**Tabela 1.** Preservação da lateral em FB - distribuição das variantes

|                         |                |            |
|-------------------------|----------------|------------|
| Preservação da lateral  | <b>597/802</b> | 74,5%      |
| Uso de outras variantes | <b>205/802</b> | 25,5%      |
|                         | N(total)       | Percentual |

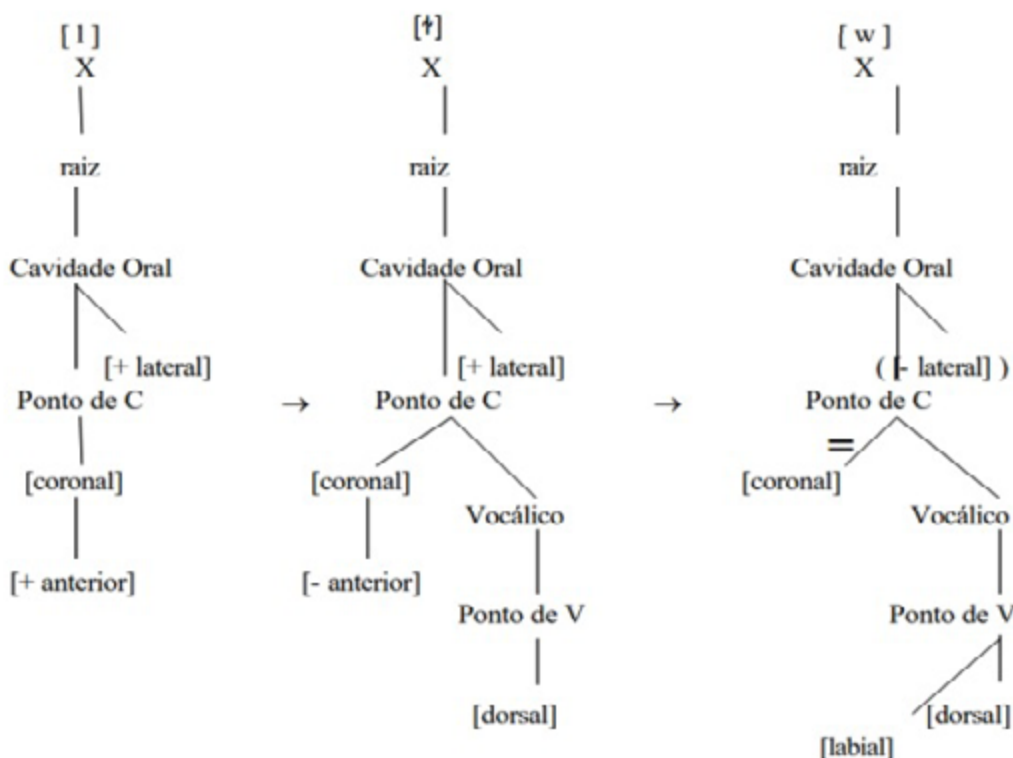
**Fonte:** Elaboração própria

No uso de outras variantes, ou seja, nos 25% dos dados em que não houve a manutenção da lateral alveolar, observamos que: ocorreu a vocalização em 19,8%, o rotacismo em 4,1% e a lateral velarizada em 1,6%. Tais resultados confirmam, portanto, haver no município a predominância da lateral alveolar, com o surgimento, não tão avançado, da variante vocalização (que tende a ser variante predominante em muitas regiões do Brasil). Esses dados corroboram com os achados das pesquisas de Espiga (1997), Tasca (1999), Pinho e Margotti (2010), e Machry da Silva *et al.* (2020), no sentido de evidenciar uma tendência conservadora quanto ao uso do fonema /l/ na forma alveolar em regiões do Sul do Brasil, especialmente nas cidades interioranas. Outrossim, esse resultado revela-se como decorrente das características da região e de seu processo de colonização. Conforme explicitamos na seção metodológica, Francisco Beltrão foi colonizado por descendentes de italianos, alemães e poloneses, apresentando uma diversidade étnica. Ademais, o município se encontra situado distante de Curitiba e, relativamente, próximo à fronteira com a Argentina.

A preferência da comunidade pela preservação da lateral pós-vocálica, conforme hipótese prevista, leva-nos a interpretar tais dados a partir da regra telescópica, proposta nas análises de Quednau (1993) e Espiga (1997, 2002), sobre o comportamento da lateral no Rio Grande do Sul, numa visão da derivação fonológica, que segue a Geometria de Traços, mostrando os estágios e avanços das formas variantes, conforme demonstra a Figura 2.

**Figura 2.** Regra telescópica da lateral pós-vocálica

Representação geométrica simplificada da regra telescópica da lateral pós-vocálica, em três estágios

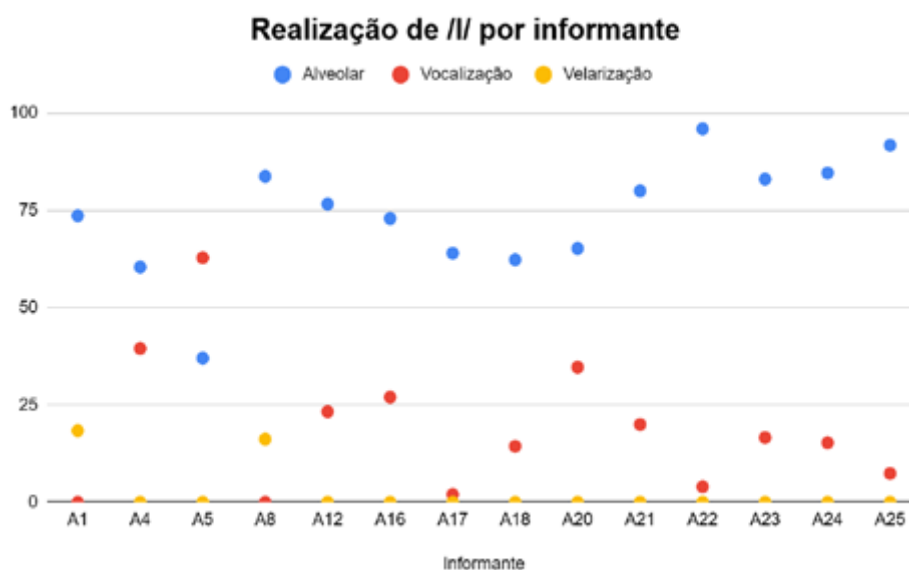


Fonte: Espiga (1997, p. 42)

A regra, representada na figura, pressupõe 3 estágios. No primeiro deles, a lateral ainda está presente; em estágio posterior é substituída, na posição de coda silábica, pela velar [ʔ], pela adição de um nó vocálico. O último estágio da regra mostra a forma vocalizada, ou seja, quando em coda, a pronúncia do /l/ pós-vocálico torna-se uma semivogal, também ligado a um nó vocálico. Na interpretação desta regra, os dados analisados no município de Francisco Beltrão coincidem com o início, quando ainda se configura o uso da lateral na

sua forma plena. Os efeitos da regra também podem evidenciar uma polarização quanto ao uso das variantes da lateral entre os informantes, demonstrando os estágios em que esses se encontram. Na hipótese de que aqueles indivíduos que estão no estágio inicial da regra, ou na intermediária, ainda não utilizam da forma vocalizada. Na Figura 3, expomos a representação gráfica com base nos dados de produção dos informantes deste estudo das variantes: alveolar, vocalização e velarização.

**Figura 3.** Representação da realização das variantes por informante



**Fonte:** Elaboração própria

A Figura 3 revela que os informantes A25, A12, A21 e A22 tendem a apresentar maior proporção de preservação da lateral alveolar. No que se refere à vocalização, observa-se que esta variante é mais presente nos informantes A5, seguido pelos informantes A12 e A4. Esses possuem ensino médio completo e A12 e A4 pertencem ao grupo de faixa etária entre 29 e 59 anos. Já o informante A5 pertence ao grupo de jovens, com idades entre 18 e 29 anos.

O uso da vocalização entre os mais jovens, sobretudo, revela estar a regra avançando na comunidade, ainda que, como temos observado, seu uso seja pouco recorrente. Nos dados de velarização, o uso da velar é observado para apenas dois informantes, A1 e A8, ambos com mais de 60 anos e Ensino Fundamental. Esses dados demonstram haver estágios diferentes da regra entre os informantes e um avanço, ainda que não tão emergente, do uso da vocalização entre os mais jovens e também com mais escolaridade. Ou seja,

mesmo que a preservação da lateral seja a forma preferida, são observadas ocorrências da forma velar e da forma vocalizada, estando a forma velar presente entre os mais velhos e, por outra parte, a forma vocalizada entre os mais jovens.

## **| O efeito das variáveis na preservação da lateral pós-vocálica**

Na análise inferencial utilizamos-nos do *software* estatístico *Rstudio*, com o modelo de regressão logística binominal: (1) – análise de efeitos fixos, incluindo as variáveis Idade, Escolaridade, Etnia, Contexto Precedente, Localização na Palavra, e Acento. Vale destacar que, antes de proceder com os modelos de análise, foram realizados testes de *qui-quadrado* e tomadas decisões quanto às variáveis a incluir, de acordo com as interações que pudessem ser significativas com a variável resposta (preservação da lateral x outras formas). Nesses testes preliminares, as variáveis Sexo, Contexto Seguinte e Classe de Palavras não mostraram efeito; notamos, porém, não haver interação entre Idade e Escolaridade (por contarmos células vazias na variável escolaridade), assim como entre Acento e Classes de Palavras. Desse modo, tomamos a decisão de testar um segundo modelo de análise, desta vez incluindo as variáveis Idade, Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Localização na Palavra e Classe de Palavras. A segunda análise conduzida mostrou, no entanto, o não papel Contexto Seguinte e Classe de Palavras, reforçando o observado nos testes preliminares; por outro lado, repetiram-se nas duas análises a tendência de efeito das variáveis Contexto Precedente e Localização na Palavra. A partir dessas observações, decidimos por reportar os dados obtidos no modelo que considerou: Idade, Etnia, Contexto Precedente, Localização na Palavra e Acento, conforme descrição na Tabela 2.

**Tabela 2.** Preservação da lateral: estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado de efeitos fixos)

| <b>N dados = 802</b> | <b>Percentual de preservação da lateral</b> | <b>Estimativa (logodds – resultado final para cada grupo)</b> | <b>Erro Padrão</b> | <b>Valor z</b> | <b>(p)</b> |
|----------------------|---|---|--------------------|----------------|------------|
| <i>(Intercept)</i>   |   | 1,4094  | 0,3193             | 4,414          | < 0,001*** |
| <b>Idade</b>         |   |   |                    |                |            |
| 60 anos ou + (Vr)    | 74%   | **  | **                 | **             | **         |
| 18 a 29 anos         | 38%   | 0,0614 (- 1,6784)   | 0.2983             | 0,223          | 0,266      |

| <b>N dados = 802</b>          | <b>Percentual de preservação da lateral</b> | <b>Estimativa (logodds – resultado final para cada grupo)</b> | <b>Erro Padrão</b> | <b>Valor z</b> | <b>(p)</b> |
|-------------------------------|---|---|--------------------|----------------|------------|
| 30 a 59 anos                  | 30%   | 0.6632 (-3,5422)  | 0,2287             | 0,268          | 0,788      |
| <b>Etnia</b>                  |   |   |                    |                |            |
| Brasileiros (Vr)              | 73%   | **  | **                 | **             | **         |
| Italianos                     | 80%   | 0,3489 (1,7583)   | 0,2004             | 1,741          | 0,0817     |
| Poloneses                     | 65%   | -0,3112 (-1,7026)   | 0,3386             | -0,919         | 0,3580     |
| <b>Contexto Precedente</b>    |   |   |                    |                |            |
| a                             | 71%   | **  | **                 | **             | **         |
| e                             | 65%   | -0,1139 (1,2955)  | 0,5208             | -0,219         | 0,8268     |
| ε                             | 78%   | 0,1111 (1,5204)   | 0,4920             | 0,226          | 0,8213     |
| i                             | 66%   | -0,1132 (1,2962)  | 0,4255             | -0,266         | 0,7901     |
| o                             | 80%   | 0,8818 (2,2912)   | 0,3395             | 2,597          | 0,0093**   |
| o                             | 79%   | 0,5119 (1,9213)   | 0,3203             | 1,598          | 0,1099     |
| u                             | 91%   | 1,1729 (2,5823)   | 0,3941             | 2,976          | 0,0029**   |
| <b>Localização na palavra</b> |   |   |                    |                |            |
| Final de palavra (Vr)         | 79%   | **  | **                 | **             | **         |
| Interior de palavra           | 70%   | -0,7387 (0,6707)  | 0,2145             | -3,445         | 0,0005***  |
| <b>Acento</b>                 |   |   |                    |                |            |
| Pretônica                     | 75%   | **  | **                 | **             | **         |
| Pós-tônica                    | 58%   | -1,3314 (0,078)   | 0,4720             | -2,821         | 0,0047**   |
| Tônica                        | 75%   | -0,4955 (0,9139)  | 0,2244             | -2,208         | 0,0272*    |

\*Modelo incluindo: glm (formula = lateral ~ idade + etnia + precedente + localização na palavra + acento, family = "binomial", data = dados)

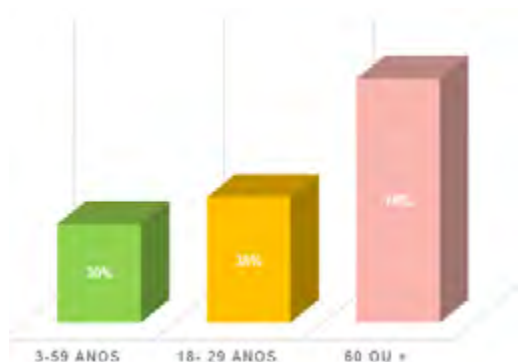
Signif. codes: 0 '\*\*\*' 0.001 '\*\*' 0.01 '\*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

Vr = valor de referência – intercept

**Fonte:** Elaboração própria

Os dados representados na Tabela 2 indicam que, com relação às variáveis sociais consideradas na análise, idade e etnia, a variável idade mostra maior proporção de preservação da lateral no grupo de falantes com mais idade, faixa etária de 60 anos ou mais (74%); menor índice de preservação na faixa etária adultos, idade 30 a 59 anos (30%) e jovens, idade entre 18 e 29 anos (38%). Esse resultado mostra-se condizente à hipótese de que os falantes com mais idade tendem a preservar mais a lateral. Na Figura 4, representamos a ocorrência em percentual por faixa etária.

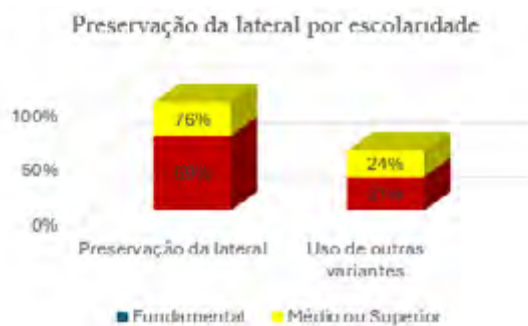
**Figura 4.** Gráfico representativo da preservação da lateral por idade



**Fonte:** Elaboração própria

Vale destacar, conforme expomos na Metodologia, que a ocorrência maior de preservação da lateral também tende a estar associada à menor escolaridade (Tasca, 1999; Collischonn; Quednau, 2009). Nossa amostra contou com poucos participantes com Ensino Fundamental, especialmente no grupo dos mais jovens, razão pela qual não temos uma análise precisa dessa variável, com uma distribuição não igual entre as diferentes faixas etárias. Optamos por um levantamento descritivo, apresentado na Figura 5, que permite observar que a preservação tende a ocorrer mais nos falantes com Ensino Fundamental.

**Figura 5.** Gráfico representativo da preservação da lateral por idade



**Fonte:** Elaboração própria

Com relação à variável etnia, há uma tendência maior de preservação entre os italianos (80%), seguido dos brasileiros (73%) e dos poloneses (65%). A Figura 6 mostra um gráfico representativo da preservação da lateral considerando a etnia, que resume esses resultados em relação ao percentual de uso da lateral.

**Figura 6.** Gráficos representativo da preservação da lateral por Etnia



**Fonte:** Elaboração própria

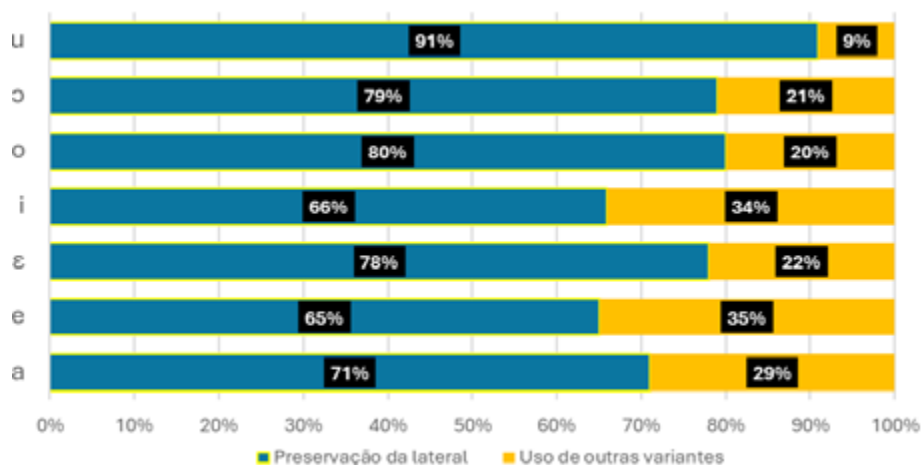
Na análise estatística, resultados dispostos na Tabela 2, atentamos primeiro para o valor do *intercept*, que apresenta estimativa de preservação da lateral de 1,4094, com valor de *p* significativo ( $p < 0,05$ ). Para fazer a atribuição do valor de *logodds* de cada variável (coluna 3 da tabela), realizamos, seguindo o método usado por Araujo (2024), a soma da estimativa ao valor de *intercept* do modelo. O resultado dessa soma, segundo aponta o autor, corresponde ao valor de *logodds*, sendo esse o resultado a ser considerado na análise (por fator). Nessa análise, confirmamos para a variável idade o fator 60 anos ou mais como valor de referência, estimativa de 1,4094 e  $p < 0,05$  e efeito significativo; os demais grupos, idade 18 a 29 anos e 30 a 59 anos, mostram efeito não significativo,  $p > 0,05$ . Tais resultados indicam a preservação da lateral estar mais presente entre os falantes com mais idade.

Com relação à variável etnia, o grupo de brasileiros mostra-se como valor de referência, associado, portanto a uma estimativa de 1,4094 ( $p < 0,05$ ), o que mostra ser a preservação da lateral mais presente neste grupo em relação aos italianos, com *logodds* 1,7583, valor de ‘*p*’ marginalmente significativo ( $p < 0,10$ ) e, poloneses, com efeito não significativo ( $p > 0,05$ ).

Com relação às variáveis linguísticas, os dados descritos na Tabela 2 indicam efeito das variáveis: contexto precedente, localização na palavra e acento na análise de preservação da lateral. No que concerne ao contexto precedente, há probabilidade maior de ocorrer a preservação da lateral quando o contexto

precedente é uma vogal posterior, sendo, respectivamente os valores percentuais de: 91% para /u/, 80% para /o/ e 79% para /ɔ/. No contexto de vogais anteriores, os valores percentuais são mais altos para /ɛ/ (78%) em relação à vogal /i/ (66%) e /e/ (65%). A vogal /a/ valor percentual de 71%. Os resultados relativos a essa variável, em relação aos valores percentuais, são sumarizados na Figura 7.

**Figura 7.** Preservação da lateral – Contexto Precedente

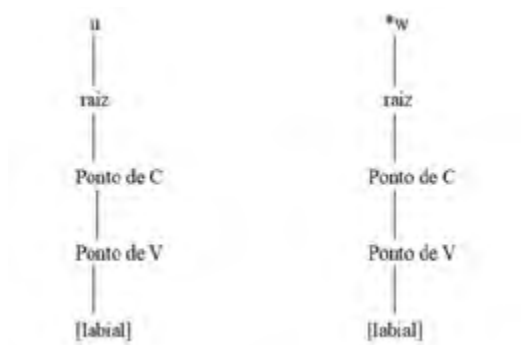


**Fonte:** Elaboração própria

Para essa variável, o fator de referência foi a vogal /a/, estando associado à estimativa de 1,4094 ( $p < 0,05$ ). Em relação a esse valor de referência, os grupos de fatores que incluem as vogais posteriores são os que parecem mais contribuir para a preservação da lateral. As vogais posteriores, vogal /u/, com *logodds* 2,5823 ( $p < 0,05$ ) e, vogal /o/, com *logodds* 2,2912 ( $p < 0,05$ ), são os fatores que contribuem para a manutenção da lateral. A vogal /ɔ/, por sua vez, com *logodds* 1,9213 não parece ter tanto efeito na manutenção ( $p > 0,10$ ). Já as vogais anteriores não mostram efeito significativo na manutenção da lateral. Esse resultado, evidenciando o papel favorável das vogais posteriores, vem ao encontro dos dados de Espiga (1997) e Quednau (1993) e também de Dal Mago (1998).

Para explicar a preservação da lateral diante do contexto precedente /u/, podemos considerar o Princípio do Contorno Obrigatório (OCP), da Fonologia Autossegmental. O OCP proíbe elementos adjacentes iguais (Leben, 1973; McCarthy, 1986). Esse princípio também contempla traços ou nós adjacentes iguais no mesmo tier (Matzenauer, 2014). Na Figura 8, é possível observar a atuação do OCP.

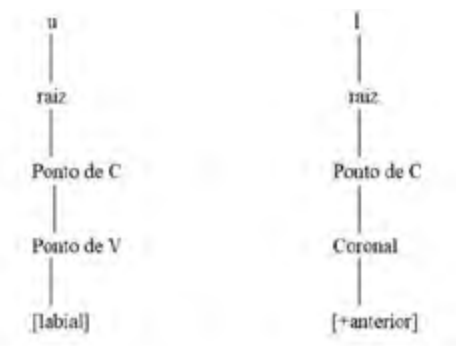
**Figura 8.** Representação de palavras com contexto precedente /u/ - vocalização da lateral



**Fonte:** Elaboração própria, com base em Matzenauer (2014)

Como podemos observar na Figura 8, se a consoante lateral sofre vocalização em contexto em que está precedida da vogal alta posterior, tanto a vogal [u] quanto a semivogal [w] compartilham o traço [labial], o que seria proibido pelo Princípio do contorno obrigatório; por essa razão, acontece um processo de dissimilação, resultando na preservação da consoante lateral, como demonstrado na Figura 9.

**Figura 9.** Representação de palavras com contexto precedente /u/ - manutenção da lateral



**Fonte:** Elaboração própria, com base em Monaretto, Quednau e Hora (2014)

Para observar o papel do contexto precedente em relação à preservação da lateral e o uso da variante vocalizada, realizamos também, de forma complementar, um levantamento dos dados de vocalização entre os participantes da amostra. Nesses dados, foi possível notar que dentre os informantes que mais produziram a forma vocalizada (cf.: Figura 3), ou seja, A5, A4 e A12, com 62,8%, 39,5% e 23,2%, respectivamente, verificamos também ocorrência de vocalização com a vogal /a/. Ou seja, ainda que observados índices maiores de preservação da

lateral no contexto precedente de /a/, há produções em que ocorre vocalização, a (ex.: “salsinha”, “varal”, nas produções de A5; “balcão”, “principal” – A4; “calça”, “capital” – A12). A explicação para a ocorrência do processo de vocalização em ambiente precedido por vogal /a/, pode ser resultado da obediência ao OCP, tendo em vista que a vogal /a/ é [dorsal] e o glide, [coronal], [+ anterior], conforme pode ser observado na Figura 10.

**Figura 10.** Representação de palavras com contexto precedente /a/ - vocalização da lateral

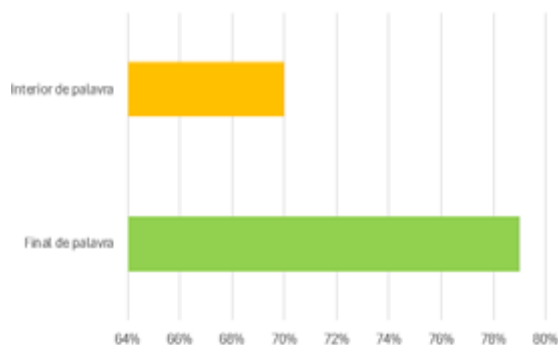


**Fonte:** Elaboração própria

Dessa forma, dentre as variáveis linguísticas observadas neste estudo, sinalizamos o forte efeito da variável Contexto Precedente, com resultados que, como vimos, colocam as vogais posteriores como ambientes favoráveis à manutenção.

Ainda com relação às variáveis linguísticas, de acordo com a Tabela 2, os resultados para as variáveis Localização na Palavra e Acento. Quanto à Localização na Palavra, considerados os fatores: interior de palavras (“bolso”) ou final de palavra (sal), revelam maior ocorrência de preservação da lateral em final de palavra. Quanto à Localização na Palavra, considerados os fatores: interior de palavras (bolso) ou final de palavra (sal), revelam maior ocorrência de preservação da lateral em final de palavra, como expresso na representação gráfica da Figura 11.

**Figura 11.** Gráfico de preservação da lateral por localização na palavra

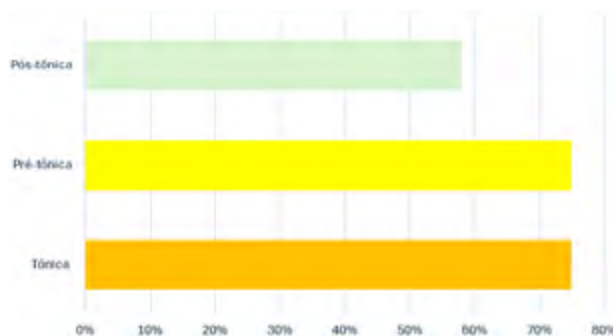


**Fonte:** Elaboração própria

Na análise estatística, essa variável mostrou final de palavra como variável de referência, ou seja, relacionada a uma estimativa de 1,4094 ( $p < ,05$ ). Por sua vez, o fator interior de palavras, com um logodds de 0,6707 e valor de  $p < 0,005$ , mostra também um efeito sobre a preservação, mas com menor chance em relação ao interior de palavra.

Por fim, na análise da variável acento, os resultados descritivos revelam maior ocorrência na pré-tônica (75%), seguido da tônica (58%) e, em menor percentual na pós-tônica (58%), como expomos na representação gráfica da Figura 12.

**Figura 12.** Gráfico de preservação da lateral por acento



**Fonte:** Elaboração própria

Para essa variável, o resultado da análise inferencial aponta o ambiente de pré-tônica como valor de referência, associado ao logodds de 1,4094 e o valor de  $p < 0,05$ . Na pós-tônica, fator com logodds 0,078,  $p < 0,05$  e, na tônica, logodds 0,9139,  $p < 0,05$ , há também a probabilidade de preservação, mas em menor chance. Ou seja, a preservação da lateral parece ser mais alta na pré-tônica e diminuir, embora também ocorra, quando nas posições tônica e átona

pós-tônica. A menor ocorrência da preservação da lateral em sílaba pós-tônica condiz com as hipóteses das pesquisas sobre a lateral, uma vez que este é o ambiente mais propício para que ocorra a forma vocalizada no português brasileiro.

## | Considerações finais

A presente pesquisa investigou a realização da lateral /l/ na fala de 14 participantes residentes no município de Francisco Beltrão, Paraná. O estudo teve como objetivo observar se há uma tendência à preservação da lateral pós-vocálica no município, e identificar quais outras formas variantes estariam concorrendo com essa e, averiguar, quais as variáveis linguísticas e sociais poderiam apresentar papel na ocorrência dos fenômenos manifestados.

Os resultados obtidos indicaram maior predominância da forma alveolar, com percentual de 74,5%, confirmando a hipótese inicial de maior preservação da lateral /l/. Também foram verificadas as variantes vocalização, velarização e rotacismo, que somados os dados, correspondem a 25,5% das ocorrências. Esse resultado, como destacamos ao longo do texto, revela estar a comunidade ainda nos estágios iniciais da regra telescópica proposta por Quednau (1993) e Espiga (1997, 2002), com pouco avanço no uso da forma vocalizada, ainda que esta esteja presente na fala de alguns informantes, especialmente os mais jovens.

Os resultados e as discussões empreendidas ao longo do texto, a partir da amostra que obtivemos de dados da lateral no município investigado, esperamos que possam contribuir para estudos sociolinguísticos, sobretudo no entendimento do comportamento da lateral pós-vocálica em regiões do interior, com evidências de que, nessas regiões, ainda se mantém presente a lateral. Contudo, podem também apontar indícios sobre o uso de outras variantes que surgem com o crescimento dessas comunidades. Para estudos futuros, essa possibilidade de uso de outras variantes, entre mais jovens, por exemplo, pode ser explorada, incluindo uma amostra maior e com maior número de informantes jovens.

## | Referências

ARAUJO, A. A. M. de. **Padrões de alternância pronominal e da concordância verbal da primeira pessoa do plural no falar culto de fortaleza**: uma análise em tempo real de curta duração. 2024. 406 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

BATTISTI, E.; MORAS, V. T. Análise em tempo aparente da vocalização variável da lateral pós-vocálica em Flores da Cunha (RS). **Caderno de Letras**, n. 24, p. 37-54, 2015, DOI: <https://doi.org/10.15210/cdl.v0i24.7273>. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/cadernodeletras/article/view/7273>. Acesso em: 17 maio 2025.

BORGHELOTT, Eduarda Rocha. A lateral pós-vocálica em Francisco Beltrão - PR. 2024. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2024 .

CLEMENTS, G. N. **A unified set of features for consonants and vowels**. Cornell University, 1989a (ms.).

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. *In*: GOLDSMITH, J. (org.). **The Handbook of Phonological Theory**. London: Blackwell, 1995.

COLLISCHONN, G.; QUEDNAU, L. R. As laterais variáveis da região sul. *In*: BISOL, L; COLLISCHONN, G. (org.). **Português do sul do Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 152-173.

COSTA, C. F. Análise Variacionista da Vocalização em /l/ em Porto Alegre. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**. Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 1-21, 2007. Disponível em: [http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_9\\_analise\\_variacionista\\_da\\_vocalizacao.pdfA](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_9_analise_variacionista_da_vocalizacao.pdfA). Acesso em: 07 ago. 2024.

DAL MAGNO, D. O comportamento do /l/ pós-vocálico no Sul do País. **Working Papers in Linguistics**, v. 2, 1998.

DICKEY, L. W. **The phonology of liquids**. Amherst: GLSA, 1997.

ESPIGA, J. **Influência do Espanhol na Variação da Lateral Pós-Vocálica do Português da Fronteira**. 1997. 181 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica, Pelotas, 1997.

ESPIGA, J. **O Português dos Campos Neutrais: um estudo sociolinguístico da lateral pós-vocálica nos dialetos fronteiriços do Chuí e Santa Vitória do Palmar**. 2001. 154 f. Tese de Doutorado (Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

HAHN, L. H.; QUEDNAU, L. R. A lateral pós-vocálica no português de Londrina: análise variacionista e estrutura silábica. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 100-113, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/2794/2139>. Acesso em: 02 abr. 2024.

HORA, D.; PEDROSA, J. L. R.; CARDOSO, W. Status da consoante pós-vocálica no português brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 71-79. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/6860>. Acesso em 20 maio 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/francisco-beltrao/panorama>. Acesso em out. 2024.

KOCH, W.; KLASSMANN, M. S; ALTENHOFEN, C. V. (org.). **ALERS**: atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil: cartas fonéticas e morfossintáticas. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/232185>. Acesso em: 19 jun. 2024.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAWSON, E.; STUART-SMITH, J.; SCOBIE, J. M.; YAEGER-DROR, M. E.; MACLAGAN, M. Líquidas. *In*: DI PAOLO, M.; YAEGER-DROR, M. (ed.) **Sociofonética**: Guia do Estudante. Routledge: Londres, 2011. p. 72-86.

LEBEN, W. **Suprasegmental phonology**. 1973. Tese (Doutorado, PhD) – Cambridge, Mass.: MIT, 1973.

MACHRY DA SILVA, S. et al. A pronúncia da lateral /l/ no Sudoeste do estado do Paraná. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 10, n. 1, 2020, p. 59-76.

MATZENAUER, C. L. B. Introdução à teoria fonológica. *In*: BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro**, 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.p. 43-61 (E-book).

MCCARTHY, J. OCP effects: Gemination and antigemination. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, Mass., v. 17, n. 2, p. 207-263, 1986. Disponível em: [https://www.academia.edu/65043048/OCP\\_effects\\_gemination\\_and\\_antigemination](https://www.academia.edu/65043048/OCP_effects_gemination_and_antigemination). Acesso em: 17 jun. 2024.

MONARETTO, V. N. O.; QUEDNAU, L. R.; HORA, D. As consoantes do português. *In*: BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do Português Brasileiro**. 5.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 202-223; 227-232. (E-book).

NEDEL, E. L. **A lateral pós-vocálica em Lages/SC**: análise variacionista. 2009. 75f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PINHO, A. J.; MARGOTTI, F.W. A variação da lateral pós-vocálica /l/ no português do Brasil. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, n. 2, p. 67-88, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2010v11n2p67>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2010v11n2p67>. Acesso em: 06 maio 2024.

QUEDNAU, L. R. **A lateral pós-vocálica no português gaúcho**: análise variacionista e representação não-linear. 1993. 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

SÁ, Edmilson José de. O uso variável da lateral /l/ posvocálica em posição de coda em português e espanhol. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 4, n. 7, agosto de 2006. ISSN 1678- 8931 [[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)].

SILVA NETO, S. S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1977.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

TASCA, M. **A lateral em coda silábica no Sul do Brasil**. 1999. 147 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

#### **Como citar este trabalho:**

BORGHELOTT, Eduarda Rocha; SILVA, Susiele Machry da; BRISOLARA, Luciene Bassols. Preservação da lateral pós-vocálica no sudoeste do Paraná. **Revista do GEL**, v. 22, n. 2, p. 14-38, 2025. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>. Submetido em: 15/07/2025 | Aceito em: 30/10/2026.

Submetido em: 15/07/2025 | Aceito em: 30/10/2025.